



O MIGRANTE NORDESTINO E A SUA INSERÇÃO NA DINÂMICA AGRÍCOLA DO MUNICÍPIO DE ASSAÍ-PR

Miriam Lopes Paulo ¹
Jamille da Silva Lima-Payayá ²

RESUMO

O município de Assaí, no norte do Paraná, é conhecido pela forte presença de migrantes japoneses, vindos do oeste paulista, com certa experiência na agricultura. A Bratac (Sociedade Colonizadora do Brasil) foi a responsável pelo assentamento desses migrantes, oferecendo muitas benfeitorias para sua acomodação, tanto na zona urbana, quanto na zona rural. Na mesma década de chegada desses japoneses, iniciou-se o fluxo de outro grupo migratório: os nordestinos, também atraídos pelas possibilidades de trabalho nos algodoados e nas lavouras de café. A instalação dos nordestinos estabeleceu um fluxo permanente de migração, na forma de rede, que é subvalorizado nas discussões da composição populacional e econômica do município. Neste sentido, este trabalho objetiva compreender as contribuições socioeconômicas que os nordestinos deixaram e/ou deixam para a Microrregião Algodoeira de Assaí, analisando sua inserção socioeconômica e territorial. O estudo focaliza as motivações para o primeiro ciclo migratório, bem como o papel.

Palavras-chave: Migrantes, Nordestinos, Desenvolvimento, Agricultura, Assaí.

ABSTRACT

The municipality of Assaí, in the north of Paraná, is known for the strong presence of Japanese migrants, who came from the west of São Paulo and had some experience in agriculture. Bratac (Sociedade Colonizadora do Brasil) was responsible for the settlement of these migrants, offering many improvements for their accommodation, both in the urban and rural areas. In the same decade as the arrival of these Japanese, another migratory group began to arrive: the Northeasterners, also attracted by the possibilities of working in the cotton and coffee plantations. The arrival of the northeasterners established a permanent flow of migration, in the form of a network, which is undervalued in discussions of the municipality's population and economic composition. In this sense, this work aims to understand the socio-economic contributions that the northeasterners left and/or leave behind for the Assaí Cotton Micro-Region, analyzing their socio-economic and territorial insertion. The study focuses on the motivations for the first migratory cycle, as well as the role of northeastern migrants in the decline of the main agricultural crop - cotton - and the establishment of new agricultural crops.

Keywords: Migrants, Northeasterners, Development, Agriculture, Assaí.

¹ Doutoranda em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina- UEL; miriam.lopes.paulo@uel.br.

² Professora da Universidade do Estado da Bahia; jaslima@uneb.br

RESUMEN

El municipio de Assaí, en el norte de Paraná, es conocido por la fuerte presencia de emigrantes japoneses procedentes del oeste de São Paulo, con cierta experiencia en la agricultura. Bratac (Sociedade Colonizadora do Brasil) fue la responsable del asentamiento de estos emigrantes, ofreciendo muchas mejoras para su alojamiento, tanto en la zona urbana como en la rural. En la misma década de la llegada de estos japoneses, comenzó a llegar otro grupo migratorio: los nordestinos, también atraídos por las posibilidades de trabajar en las plantaciones de algodón y café. La llegada de los nordestinos estableció un flujo migratorio permanente, en forma de red, que es subvalorado en las discusiones sobre la composición poblacional y económica del municipio. Teniendo esto en cuenta, este estudio pretende comprender las contribuciones socioeconómicas que los nordestinos han hecho y/o están haciendo a la microrregión algodonera de Assaí, analizando su inserción socioeconómica y territorial. El estudio se centra en las motivaciones del primer ciclo migratorio, así como en el papel de los migrantes nordestinos en el declive del principal cultivo agrícola - el algodón - y en la implantación de nuevos cultivos agrícolas.

Palabras clave: Migrantes, Nordestinos, Desarrollo, Agricultura, Assaí.

INTRODUÇÃO

O objetivo desta pesquisa traz dois recortes essenciais, sendo o espacial, no município de Assaí-PR, e o temporal, o qual iremos abordar a migração nordestina e suas implicações. Esta pesquisa é necessária, pois poucos são os trabalhos que dissertam sobre os migrantes nordestinos nessa região norte do Paraná. Nesse sentido, é preciso destacar, em um primeiro momento, que o município de Assaí se caracteriza pela forte migração de japoneses, tendo em vista as festas típicas, a arquitetura predominante, os parques, os espaços públicos, os nomes de ruas e, mais recente, a construção de um castelo japonês. Por conseguinte, tem-se uma cidade com características orientais, além de homenagens para os mesmos. Entretanto, é possível constatar que além desse grupo migratório, outro também participa no processo de formação socioeconômica e sociocultural: os de migrantes nordestinos.

O encontro dos japoneses e seus descendentes com os nordestinos sucederam territorialidades distintas. Neste contexto, vários processos sociais e de ação formaram territorialidades, as quais, conforme Raffestin (1993, p. 159), resultam atualmente num conglomerado múltiplo do “vivido” territorial. Este conglomerado constrói-se a partir de uma tríade que envolve: primeiro as relações sociais internas dos indivíduos, dentro do seu grupo cultural; segundo entre os indivíduos e o seu espaço ocupado; e terceiro na convivência dos indivíduos com a alteridade dos demais grupos culturais. Com efeito, a pesquisa passa por inúmeras indagações, mas a que talvez seja mais intrínseca a esta pesquisa é realizar um

levantamento científico a fim de responder: Como essa invisibilidade dos migrantes nordestinos brasileiros se explica? Este é o ponto cerne da nossa investigação.

As atividades econômicas, como o café e o algodão, as quais atraíram grandes levas de migrantes nordestinos, que vieram “fugindo” dos problemas sociais e econômicos dos Estados do Nordeste e contribuíram para o crescimento e desenvolvimento do município.

O fator que provoca a migração interna é o desenvolvimento capitalista e este se processa de modo diferente de região para região. Martins e Vanalli (1994) comentam que o “jeitinho capitalista” de produzir riquezas e misérias é que fez e faz tanta gente brasileira ou estrangeira andar de um lado para outro, buscando terra ou emprego, que lhes são negados em seus rincões natais, ou seja, as migrações sempre se orientam para aquelas regiões onde o capital está mais concentrado.

Observa-se que, durante muito tempo, a questão dos movimentos internos da população nordestina foi vista apenas como uma consequência da “fatalidade” das secas que periodicamente assolam a área conhecida como polígono das secas. (MARTINS; VANALLI, 1994, p. 11). Os migrantes nordestinos veem o problema do Nordeste e a migração imposta a eles, quase sempre, referindo-se à falta de chuva, à seca e, conseqüentemente, à fome.

Martins e Vanalli (1994) referem-se à questão do Nordeste como um problema da região como um todo e não apenas do Sertão. Sabe-se também que esse mesmo problema não é apenas de ordem natural, mas principalmente social, abarcando todo o país: a questão chama-se terra. A estrutura fundiária que caracterizou o Brasil desde a sua colonização é a principal dinamizadora da migração interna, uma constante ao longo da história do país.

Para contrapor duas realidades distintas, temos o início do processo de colonização das terras do Norte do Paraná, a derrubada das matas, a divisão e loteamento das terras, a venda das terras, etc. E o município de Assaí, que é a base inicial para esse estudo, passou por vários processos que propiciou e/ou atraiu pessoas de outras localidades para morar e trabalhar.

A Companhia Colonizadora possuía eficiente jeito e/ou maneira de divulgar a prosperidade local, jornais dos mais diversos, cartazes, programações de rádio, noticiavam a venda das terras, a necessidade de mão de obra para a lavoura e essas informações deixavam os mineiros, paulistas e nordestinos tentados a migrar. Em virtude da sua elevada produção de algodão, o município de Assaí alcançou destaque nacional, sendo considerada por décadas a “Capital do Ouro Branco”. Foi assim, que já nos finais dos anos de 1930, tem-se a presença nordestina em solo assaiense.

A migração interna tornou-se ainda mais intensa depois da chegada dos primeiros nordestinos. Com algum tempo de trabalho eles voltavam para suas terras e traziam seus familiares, e assim, alguns passaram a fazer essa intermediação como espécie de um trabalho.

METODOLOGIA

A metodologia é um processo que engloba um conjunto de métodos e técnicas para ensinar, analisar, conhecer a realidade e produzir novos caminhos. Para Marilena Chauí (1994), “o método significa uma investigação que segue um modo ou uma maneira planejada e determinada para conhecer alguma coisa; procedimento racional para o conhecimento seguindo um percurso fixado”. A pesquisa se dará na vertente socioespacial, valendo-se do processo qualitativo, o qual versa sobre o entendimento de um fato histórico e, sobre ele, busca-se respostas para uma compreensão mais acertada. Acerca disso, Maria Marly de Oliveira assinala:

[...] a pesquisa qualitativa como sendo um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação. (2007, p. 37).

Nesse sentido, Richardson (1985), justifica-se, sobretudo, pela natureza de compreender um fenômeno social, e esse deverá ter sua realidade estudada minuciosamente. Assim,

Um dos objetivos privilegiados da pesquisa qualitativa é, portanto, o sentido que adquirem a ação da sociedade na vida e os comportamentos dos indivíduos, assim como o sentido da ação individual quando ela se traduz em ação coletiva. (POUPART, 2008, p. 131).

A Pesquisa Qualitativa é quase sempre realizada com pessoas “in loco”, ou seja, que possuem linguagens diversas, expressões típicas e características do lugar de origem ou adquiridas por um novo lugar. A cada encontro, a cada entrevista, as evidências, pelas quais buscamos, vão ficando mais perceptivas, pois as falas dos entrevistados ganham poder, à medida que suas vivências, conhecimentos de causas e experiências tornam-se faladas e expressas. Para tanto, passam a ser audíveis e eventualmente gravadas pelo entrevistador, assim como a filmagem tende a valorizar mais na posterior transcrição da fala dos entrevistados. Logo, é possível salientar que:

Os estudos que empregam uma natureza qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança do novo grupo e possibilitar, em maior nível



de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos. (RICHARDSON, 1985, p. 39).

Importante frisar que a pesquisa qualitativa pode ser caracterizada como uma tentativa de explicar com maior perspicácia os significados e as características dos resultados das informações obtidas através de entrevistas, ou questões abertas.

Para tal realizaremos o tipo de amostragem não-probabilística, a mesma, não é uma estratégia à qual se recorre quando não se pode estabelecer a probabilidade. Ao contrário, inúmeros fenômenos não podem ser pesquisados de outra maneira, sendo a amostra teórica, em geral, a única apropriada. (POUPART, p.138, 2008). Ademais;

Se a regularidade e a dimensão da amostra probabilística nos possibilitam conhecer aspectos gerais da realidade social, o caráter exemplar e único da amostra não-probabilística nos dá acesso a um conhecimento detalhado e circunstancial da vida social. É, pois, em relação aos resultados que ela acarreta, bem como à sua pertinência, que a amostra não-probabilística se justifica. (POUPART, p.139, 2008).

Todo método de pesquisa de questionário autopreenchido tem por definição e é considerado não probabilístico. Segundo Oliveira (1997), em uma amostra não probabilística o pesquisador (a) determina a quantidade de elementos ou o número de pessoas aptas a responder um questionário. Para melhor contactar pessoas aptas para responder questionários e/ou conceder entrevistas, o uso da técnica “bola de neve” torna-se mais eficiente. Então, acreditamos que a dificuldade para contatar será inibida com a técnica citada abaixo:

A execução da amostragem em bola de neve se constrói da seguinte maneira: para o pontapé inicial, lança-se mão de documentos e/ou informantes-chaves, nomeados como sementes, a fim de localizar algumas pessoas com o perfil necessário para a pesquisa, dentro da população geral. Isso acontece porque uma amostra probabilística inicial é impossível ou impraticável, e assim as sementes ajudam o pesquisador a iniciar seus contatos e a tatear o grupo a ser pesquisado. Em seguida, solicita-se que as pessoas indicadas pelas sementes indiquem novos contatos com as características desejadas, a partir de sua própria rede pessoal, e assim sucessivamente e, dessa forma, o quadro de amostragem pode crescer a cada entrevista, caso seja do interesse do pesquisador. (VINUTO, 2014, p. 203).

Conforme citado, as sementes são os contatos mais próximos, pessoas que nos auxiliam a contatar com outras de interesse do objeto da pesquisa. Nesse caso, temos em vista

algumas sementes e essas tendem a apontar outras para, assim, chegarmos ao objetivo final, que é angariar mais informações sobre os protagonistas deste estudo. Portanto, a técnica “bola de neve” torna-se a principal ferramenta para aumentarmos a rede de entrevistados e pessoas que possuem o mesmo perfil que precisamos para compor o estudo, conforme citado por Vinuto (2014). Assim, o processo de permanente coleta de informações, que procura tirar proveito das redes sociais dos entrevistados identificados, complementa e fornecer ao pesquisador um conjunto cada vez maior de contatos potenciais.

Sobre os resultados positivos da técnica “bola de neve”, esperamos que seja a ponte mais fácil para, enquanto pesquisadores, chegarmos ao objeto de estudo da maneira mais estável possível. Concomitantemente, precisamos dessa aproximação com o migrante nordestino para estabelecermos o diálogo da troca, assim, que possam nos conceder entrevistas, contar suas histórias de vida, posar para fotos, apresentar fotos, documentos e objetos como fonte histórica, que fomentará nossos registros.

No tocante às técnicas metodológicas, este trabalho se valerá da pesquisa bibliográfica, conforme ressalta Oliveira (2007, p. 57), sendo: “A principal finalidade da pesquisa bibliográfica é levar o pesquisador (a) a entrar em contato direto com obras, artigos ou documentos que trata do tema em estudo. O mais importante para quem faz opção para uma pesquisa bibliográfica é ter a certeza de que as fontes a serem pesquisadas já são reconhecidamente do domínio científico”. Ainda, a pesquisa documental, que é bastante semelhante à pesquisa bibliográfica, dará seu viés de colaboração. Portanto,

[...] bastante semelhante à pesquisa bibliográfica, a documental caracteriza pela busca semelhante em documentos que não receberam nenhum tratamento científico, como relatórios, reportagens de jornais, revistas, cartas, filmes, gravações, fotografias, entre outras matérias de divulgação. (OLIVEIRA, 2007, p. 69).

Tornar-se-á muito importante, conforme Oliveira, em nossa pesquisa, os jornais antigos, os boletins informativos, as fotografias antigas, por contarem histórias, e ser arcabouço fundamental nas leituras que podemos fazer e agregar ao conhecimento dos fatos pesquisados, assim, para além da bibliográfica, a documental também se fará importante.

O trabalho de pesquisa, conforme ressalta Oliveira (2007, p.78), “[...] é um ato criativo, pois o pesquisador (a) deve utilizar instrumentos que sejam adequados ao seu objeto de estudo e não fazer uso de uma ‘forma’ para rotular a realidade, mas fazer uso de técnicas que captem a realidade em todo o seu dinamismo”. A mesma autora salienta que nas pesquisas de abordagem qualitativa, dentre os mais importantes instrumentos ou técnicas de pesquisa que ajudam a desvendar os fenômenos e fatos, destacam-se: observações, histórias de vida, questionários e

entrevistas semi-estruturada, a qual facilita a comunicação quanto à obtenção de dados qualitativos.

A pesquisa qualitativa, segundo disserta Minayo (1994), coloca como tarefa central das ciências sociais a compreensão da realidade humana vivida socialmente. Vemos, então, a importância da entrevista, pois através dela será possível fazermos leituras e releituras das realidades desses migrantes nordestinos. Assim, entende-se que a:

A entrevista é um excelente instrumento de pesquisa por permitir a interação entre pesquisador (a) e entrevistado (a) e a obtenção de descrições detalhadas sobre o que se está pesquisando. No entanto, é preciso que o entrevistador não interfira nas respostas do entrevistado (a), limitando-se a ouvir e a gravar a fala dele (a). OLIVEIRA (2007. p.86).

Após a entrevista, o pesquisador tem como tarefa fazer a transcrição de tudo que foi falado e expressado, esse momento de transcrição é de fundamental importância, pois o objetivo desse levantamento primário é dar maior embasamento e fortalecer a pesquisa na busca de alcançar seus objetivos.

Transcrever é o esforço de reprodução literal de um áudio. Como texto materializado, a transcrição inclui todos os sinais emitidos e ruídos presentes na gravação. A transcrição tem por referência a forma de expressão usada no plano coloquial e, assim, acata variações da fala, repetições, equívocos que na norma culta não tem cabimento. (MEIHY E SEAWRIGHT, 2021, p. 113).

Além disso, a realidade fica mais evidente, pois a história oral é também importante meio de conhecimento. Sendo assim, “Como método, a história oral se ergue segundo pressupostos que privilegiam as entrevistas como motivo central dos estudos. Trata-se, em outras palavras, de prezar as entrevistas como ponto central das análises”. (MEIHY e SEAWRIGHT, 2021, p. 56).

A entrevista, além de estar ajustada ao objetivo e à hipótese (s), deve ser adequada à especificidade de cada grupo para que se acolha o máximo de informações que permitam uma análise mais completa possível.

REFERENCIAL TEÓRICO

O município de Assaí foi fundado com o objetivo de desenvolver a cotonicultura. Nos primeiros anos de sua fundação, os japoneses relutaram quanto ao plantio do algodão. Preferiram o café, pois já era tradição no estado de São Paulo, mas a BRATAC não lhes concedia o apoio.

sendo assumidos poucos eles foram aderindo à plantação do algodão e a cotonicultura assumiu posição de destaque, exercendo por décadas a liderança sobre outras culturas.

Segundo Oguido (1988), no ano de 1935, Assaí já contava com 200 famílias residindo na localidade e o algodão era a principal cultura, da qual elas tiravam o seu sustento até que o café começasse a produzir. Entre os pés de café e algodão, os agricultores plantavam feijão, que fornecia alimentos para eles. O excedente era vendido para terceiros e custeava as outras plantações.

No mês de agosto do mesmo ano, foi realizada a primeira exposição agrícola da localidade, ocasião em que 217 agricultores expuseram seus produtos. Posteriormente, ocorreu em Curitiba a exposição do Algodão e 11 agricultores de Assaí receberam medalha de ouro pela quantidade de produto exposto.

Oguido (1998, p.130) relata que:

Uma experiência feita pelo agricultor Heiju Akagui, que plantou algodão em 1934, foi o impulso que faltava para que a comunidade atingisse seu pleno desenvolvimento. Ele colheu 360 arrobas de algodão por alqueire e o fato ganhou dimensões inimagináveis. Para se ter uma ideia do que essa safra representou, basta dizer que até então a Companhia havia vendido apenas 213 alqueires de terra e, a partir da safra de Akagui, chegou ao final de 34 com 2.140 alqueires vendidos.

A cotonicultura expandiu-se no Paraná e na década de 1960 já era uma das principais culturas, abrangendo praticamente todo Norte do estado. Entretanto, na década de 1970 o Paraná sofreu transformações na sua estrutura agrária, pela modernização do campo, apoiada pela política governamental. Assim, o algodão perdeu área para as novas culturas que foram introduzidas, principalmente para a soja. Esta transformação expulsou a cotonicultura para outras regiões brasileiras.

Desde o início da colonização do município de Assaí, a Companhia colonizadora obteve sucesso na sua estratégia de fixar os recém-chegados nesta localidade. Seus planos de ajuda propiciaram o crescimento populacional, a começar pela divulgação via imprensa, que enaltecia a localidade, o solo, a abundância de água e etc; fatores esses que não só os japoneses do oeste paulista migraram para Assaí, mas também os mineiros e em maior quantidade os nordestinos.

Os nordestinos exerceram papel fundamental no desenvolvimento agrícola do município de Assaí. A dinâmica populacional e agrícola do Brasil muito influenciou na vinda e na saída desse do campo. Vejamos que a migração nas últimas décadas apresenta quatro características fundamentais:

1º expulsão das áreas tradicionais de migração: Nordeste, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Espírito Santo, Santa Catarina.

2º Migração para o núcleo industrial São Paulo – Rio de Janeiro, a partir de 1930.

3º Migração para a fronteira consolidada: Paraná, Maranhão, Goiás e Mato Grosso do Sul – nas décadas de 40, 50 e 60.

4º Migração para a fronteira em expansão: são as áreas de ocupação mais recente, composta pela região Norte, como um todo, e o Estado de Mato Grosso – década de 70 (MARTINE, 1984, p.21).

Souza (1980, p. 33) entende migração interna como sendo, “um processo social resultante de mudanças estruturais de um determinado país, que provocam o deslocamento horizontal de pessoas de todas as classes sociais, que, por razões diversas, deixam o seu município de nascimento e vão fixar residência noutra”.

Segundo o mesmo autor, o processo migratório não é algo mecânico que ocorre entre um polo de expulsão e outro de atração. Nasce e se desenvolve num contexto social historicamente determinado, cuja explicação se encontra no estudo das mudanças estruturais a nível regional, nacional ou internacional.

Nas décadas de 1950 e 1960, as migrações internas ocorreram do Nordeste para o Centro – Oeste, para o estado do Paraná e para o eixo-industrial Rio de Janeiro e São Paulo. Os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina também tiveram muitos de seus moradores que migraram para o estado do Paraná e Mato Grosso do Sul.

Nas décadas de 1960 e 1970, o fluxo migratório se assemelha ao da década passada, a Região Nordeste passa também a enviar migrantes para o Distrito Federal, tendo em vista a construção e inauguração de Brasília. E, muitos moradores da Região Sul migram para o estado do Mato Grosso.

Nos anos de 1970 e 1980, estados como Paraná, Goiás, Mato Grosso do Sul trocam seu papel de áreas receptoras e passam a expulsar migrantes, como salientam Menezes e Gonçalves (1986, p.24):

Nesse período, destacam-se três fluxos migratórios: 1) ocupação da fronteira agrícola: da região Sul, Centro – Oeste e Sudeste em direção à região Norte, e ao estado de Mato Grosso; 2) migração para o núcleo industrial: continua o fluxo tradicional proveniente de Minas Gerais e do Nordeste, acrescido da migração do estado do Paraná, sobretudo para São Paulo; 3) migração de fronteira: fluxo que parte do Paraná e se dirige ao Paraguai; são, contudo, migrantes originários do Nordeste, de Minas Gerais, do Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Note-se que a migração intra-regional é aquela praticada dentro da própria região. Essa é muito comum na região Nordeste, pois muitas pessoas saem do interior de seus estados e migram

para as cidades maiores, como para as capitais: Recife, Salvador, Fortaleza. Também há o caso daqueles nordestinos que saem do Agreste e do Sertão e vão em busca de trabalho na Zona da Mata.

Bem verdade, muitos são os motivos pelos quais as populações saem do seu lugar de origem em busca de outras cidades, regiões e países para morarem. Entre tantos, pode-se citar: perseguições políticas e religiosas, catástrofes naturais, mas o principal deles é o fator econômico, ou seja, a busca de um sustento e melhoria para a sua vida.

Tem-se que “considerar ainda, que as migrações internas têm caráter coletivo e normalmente ocorrem por três motivos: econômico (procura de trabalho, melhoria das condições de vida), para acompanhar o esposo, família ou algo do estilo ou ainda pela ocorrência de fenômenos naturais como as secas” (RODRIGUES, 2009, p. 63).

O processo de migração é, portanto, resultado de uma cultura e de uma economia. As pessoas deslocam-se com ilusões de superação de problemas que enfrentam no seu cotidiano, gerando redes de apoio dos mais distintos formatos, que amenizam as dificuldades encontradas pelos imigrantes, enquanto estão em terras estranhas.

Sayad (1998, p. 55) afirma que “um imigrante é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito”. Muitos desses migrantes depois de um período de trabalho retornam para seu estado de origem, por isso dizer ser ela, provisória ou temporária, mas ainda a maioria deles fixa se nesse novo ambiente.

O migrante tem em mente sempre a sua realidade local, a falta de oportunidade frente ao novo, ou seja, as perspectivas oferecidas no local que será seu destino. Ele deixa para trás uma situação ruim em troca de uma perspectiva melhor. (PÓVOA-NETO, 1997).

Note-se que, segundo Santos (1996, p. 262), “hoje, a mobilidade se tornou praticamente uma regra, os homens mudam de lugar, como turistas ou como imigrantes...”. O lugar novo o obriga a um novo aprendizado e a uma nova formulação das suas atividades até então praticadas em seu local de nascimento, e o novo lugar habitado obriga esses migrantes a ter novas experiências profissionais, culturais, educacionais.

O trabalho, melhores oportunidades de emprego, maiores ganhos salariais são fatores de atração para a migração; logo, a pobreza, a falta de oportunidade de trabalho, a falta dos meios de produção, como por exemplo, a terra, são elementos que favorecem a mobilidade da população.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os migrantes nordestinos contribuíram para o crescimento econômico e populacional do município de Assaí-PR. Nos anos de 1950, a população era composta por 31.884 habitantes. Em épocas áureas do algodão, a zona rural possuía grande número de habitantes, moradores nas colônias. Havia 22 escolas municipais, atualmente quase todas desativadas, restando apenas duas em funcionamento: a da Seção de Pau D’Alho do Sul, que hoje é Distrito do município de Assaí, e a da Seção Cebolão. O comércio era muito expressivo, contando com estabelecimentos como as Casas Pernambucanas e Lojas Riachuelo com filiais em Assaí, e na área de entretenimento, havia duas salas de cinema.

A queda da produção do algodão, segundo relatos dos pioneiros, deu-se com a praga do bicudo. Conforme a literatura sobre Assaí, não foi crise econômica nacional que provocou a queda da produção do algodão. Nas lembranças dos trabalhadores, prevalece certa “naturalização” do ocorrido, como se a expulsão do catador dos algodoais fosse um fato que ocorreria com a evolução do município.

Como consequência desse fato, “as colônias” de moradores praticamente foram extintas na maior parte das seções rurais, pois os moradores sem trabalho no campo migraram para a zona urbana em busca de novas opções em outras áreas. Tem-se que considerar que muitos desses migrantes, com alguns anos de trabalho no campo, puderam comprar suas próprias propriedades rurais.

Passada a fase do algodão, os estabelecimentos comerciais conseguiram permanecer por algum tempo no município, mas, em virtude da queda populacional e do poder de compra dos moradores, alguns daqueles empreendimentos procuraram se instalar em outras cidades mais promissoras, assim como os cinemas também fecharam as portas.

Hoje, as principais culturas agrícolas de Assaí são soja, trigo e milho que, juntamente com a pecuária, e a produção de hortifrutigranjeiros representam importante papel na atividade econômica do município.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entende-se que os processos econômicos e a sociedade capitalista são responsáveis pela produção do território, e, esses articulam os objetos das relações sociais e de trabalho. Ao mesmo tempo, verificou-se as transformações no campo e na cidade, pois de uma área de ocupação, predominantemente, de imigrantes japoneses, tem-se hoje uma população bastante heterogênea, destacando-se os nordestinos, que contribuíram, significativamente, para o desenvolvimento do município.

Esta pesquisa tende a comprovar a importância da população nordestina para o crescimento e desenvolvimento do município de Assaí-PR, considerando que, a pesquisa encontra-se em desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

- CHAUÍ, Marilena. Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- MARTINS, Dora; VANALLI, Sonia. Migrantes: migração interna no Brasil 'baianos' e 'paraibanos' a reforma agrária resolve?. São Paulo: Contexto, 1994.
- MENEZES, Marilda Aparecida; GONÇALVES, Alfredo José. Migrações no Brasil: o peregrinar de um povo sem terra. São Paulo: Paulinas, 1986.
- MEIHY, J. C. S. B; SEAWRIGHT, L. Memórias e Narrativas: história oral aplicada. São Paulo: Contexto, MINAYO, M.C de S. (Organizadora) et al. Teoria, método e criatividade. 21ª edição. MINAYO, M.C de S. (Organizadora) et al. Teoria, método e criatividade. 21ª edição, Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- OGUIDO, Homero. De imigrantes pioneiros: A saga dos japoneses no Paraná. Curitiba. 1988.
- OLIVEIRA, Maria Marly de. Como fazer pesquisa qualitativa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007
- RICHARDSON, Robert Jarry, 1942 - Pesquisa social: métodos e técnicas. colaboradores José Augusto de Souza Peres. (et al), São Paulo: Atlas, 1985.
- PÓVOA NETO, Helion. Migrações internas e mobilidade do trabalho no Brasil atual: novos desafios para análise. Experimental, São Paulo, n. 2, p. 11-24, 1997.
- POUPART, Jean et al. A Pesquisa Qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Trad. Ana Cristina Nasser. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- RAFFESTIN, Claude. Por uma Geografia do Poder. Tradução: Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.
- RODRIGUES, Adriana Maria Martini. Migração temporária e suas implicações na educação: o caso de Santa Margarida: Bela Vista do Paraíso – PR. 2009. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.
- SANTOS, Milton. A Natureza do espaço - técnica e tempo, razão e emoção, Ed:Hucitec, São Paulo, 1996.
- SAYAD, Abdelmalek. A imigração ou os paradoxos da alteridade SP: Edusp, 1998.
- SOUZA, Itamar. Migrações internas. Petrópolis: Vozes, 1980.
- VINUTO, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. Tematicas, Campinas, SP, v. 22, n. 44, p. 203–220, 2014. DOI: 10.20396/tematicas.v22i44.10977. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em: 22 nov. 2022.